



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**OS CONGOS DE POMBAL: NAS RAÍZES DAS TRADIÇÕES E DA FÉ EM NOSSA
SENHORA DO ROSÁRIO**

LEANDRO ROGÉLIO FERREIRA DA SILVA

CAJAZEIRAS – PB

2018

LEANDRO ROGÉLIO FERREIRA DA SILVA

**OS CONGOS DE POMBAL: NAS RAÍZES DAS TRADIÇÕES E DA FÉ EM NOSSA
SENHORA DO ROSÁRIO**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Campina Grande, como, requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Dra. Ana Rita Uhle

CAJAZEIRAS-PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764

Cajazeiras - Paraíba

S586c Silva, Leandro Rogélio Ferreira da.

Os congos de Pombal: nas raízes das tradições e da fé em Nossa Senhora do Rosário / Leandro Rogélio Ferreira da Silva. - Cajazeiras, 2018.

58f.: il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Rita Uhle .

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2018.

1. Congos de Pombal. 2. Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. 3. Raízes africanas. 4. Tradições - Paraíba. 5. Cultura paraibana. I. Uhle. Ana

LEANDRO ROGÉLIO FERREIRA DA SILVA

**OS CONGOS DE POMBAL: NAS RAÍZES DAS TRADIÇÕES E DA FÉ EM NOSSA
SENHORA DO ROSÁRIO**

Aprovada em _____ de _____ de 2018

BANCA EXAMINADORA

Dra: Ana Rita Uhle (UFCG)
(Orientadora)

Prof: Mestre: Danilo da Silva Cezário (UFCG)

Prof: Mestre: Francinaldo Bandeira de Sousa (UFCG)

Dra: Silvana Vieira de Sousa (UFCG)
Examinadora Suplente

CAJAZEIRAS-PB

2018

A todos aqueles que fazem a cultura de Pombal, dedico esse trabalho.

Em especial aos congos!

Agradecimentos

É com grande alegria e prazer que agradeço a todos que colaboraram com esse meu trabalho.

Primeiramente a Deus pai, Ele que sempre esteve ao meu lado nas horas difíceis, impulsionando para seguir em frente sempre.

A minha orientadora Ana Rita Uhle, com quem divido esse momento de alegria e ao mesmo tempo de despedida. Por muitas vezes pensei em desistir, e ela nunca duvidou do meu potencial, sempre dando forças e coragem para escrever, apoiando nas horas de ansiedade e angústias, tirando minhas dúvidas relacionadas ao meu tema, e dicas como seguir em frente com a pesquisa.

A minha família pelo apoio, meu bem maior, em especial, meu Pai Severino Elvidio da Silva (In memória), na alegria que ele teve quando passei no vestibular. Para ele era uma honra ter um filho na universidade. Ao meu irmão Leonardo Riceli Ferrira da Silva (In memória) que sempre demonstrou do seu jeito carinho pela nossa família. À minha mãe Maria de Lourdes, que inúmeras vezes fazia a pergunta “vai para Cajazeiras”. Ao meu irmão Leonaldo Sergio e a minha irmã Kátia Rejane; a minha irmã Kalina Ligia que demonstrou carinho e preocupação a mim, e ao meu sobrinho Arthur que vai nascer, que ele seja motivo de alegria e benção para nossa família. Muito obrigado

A minha avó Dona Nega, meu refúgio sempre; as minhas tias Rita e Lia, minhas primas e primos. Obrigado pelo apoio.

A Miguel Ferreira da Silva (rei do congo) que sempre esteve de prontidão para atender os meus telefonemas para tirar dúvidas no qual rendeu uma amizade que sei que posso contar com ele sempre para trabalhos futuros, esse trabalho não seria possível sem sua ajuda. Obrigado!

Aos meus amigos (as) que fiz no decorrer da minhas graduação do curso em licenciatura Plena em História: Ailson, Renner, Manoel Josué (Vaqueiro) Vannara, Israel, Jeronica, (Galega), Lucia, Ricarlo, Dalvani, Riszonaria, Liniker (O último jogador de Mortal Kombat), Diógenes (Mestre dos Magos), Paloma, Fabilene, Bruno, Franci, Eliana Bento, Fabricio, Alex Dionizio, Eveliny, Anarielle, Anastácia, Fabiana e Mayrla (minhas irmãs do coração).

Aos amigos e companheiros de todas os dias, que fizeram a alegria dentro do ônibus da universidade nas idas e voltas à cidade de Cajazeiras, sempre com empolgação nas conversas e risadas - esses sim, podemos chamar de verdadeiros amigos, em especial, à galera do 'busão', o grupo "OS FEDERAIS". Obrigado pelas risadas.

Agradeço aos meus amigos Thiago dos Santos Farias e Francimário Sales Rufino, pela colaboração e ajuda do meu trabalho de conclusão de curso. Valeu pela ajuda.

Não poderia deixar de agradecer pela colaboração do apoio do professor Francisco Sales Neto, que por muitas vezes ao chegar em suas aulas de Projeto, desesperado e aflito, sempre eu falava que nunca eu seria capaz de escrever o meu TCC, Neto com sua paciência sempre dizia "você é capaz, Léo você vai conseguir". Muito obrigado!

Ao Professor Francinaldo Bandeira de Sousa que aceitou está na minha banca. Obrigado pelas aulas de medieval que tive com o senhor.

A Professora Maria Lucinete Fortunato por ter aceito o convite que fiz para pertence a minha banca examinadora. Obrigado!

A Professora Silvana Vieira de Sousa que de forma carinhosa aceitou o convite e compromisso docente.

Quero agradecer a minha primeira professora de História Miricleide Martins do ensino fundamental. Tenho maior carinho e admiração, e através dela tive o maior apreço pela disciplina. Obrigado!

A todos os professores do curso de História, que foram de grande valia na minha formação. Em especial Isamar Gonçalves Lôbo, José Antônio de Albuquerque, Sérgio Rolemberg Farias, Rubismar Galvão, Viviane Gomes Ceballos e Rodrigo Ceballos.

Aos funcionários da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores: Girleuda Lopes e a Suellen Mendonça.

As meninas da copiadora do CFP: Cláudia, Lidiane.

As meninas da cantina: Mariana e Erivânia

Obrigado.

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é analisar a os significados tradicionais pelos quais os congos da cidade de Pombal no alto sertão, nas festividades da Festa de Nossa Senhora do Rosário, com sua danças e cânticos – relembrando o passado, na organização da festa, com foco principal em autores que abordam a cultura africana como uma estratégia de sobrevivência de uma raiz africana por meio das relações do negros com a igreja católica, construindo um significado de uma identidade cultural e tradição dos congos. O trabalho discutiu as relações dos congos, com a sociedade pombalense, as estratégias sociais que os congos encontram para perpetuar sua cultura no meio social da comunidade. Desse modo o estudo possibilitou fazer uma análise do grupo os congos com representantes da igreja, nos dias atuais, problematizar isso como uma disputa em relação aos usos do espaço nas representações no período da festa.

Palavras-chaves: Congos, Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, Tradições e Cultura.

LISTRAS DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 – Brincantes da Paraíba, apresentação dos congos em avento na cidade de Pombal.

Fig. 2 - A festa do Rosário de Pombal do ano de 1946. Acervo de Verneck Abrantes de Sousa.

Fig. - Reis de Congo, Pombal – PB 11/abril/1938. Fotografo: Luís Saia. Site: letras-unip.blospot.com.br/20/11/11curiosidades.html. Missões de pesquisas folclóricas.

Fig. 4 - Grupo dos Congos em fila preparados para o cortejo da Procissão do Rosário no Domingo do Rosário (01/10/2017-Pombal-PB). Acervo de Thiago dos Santos Farias.

Fig. 5 - Detalhe da saia de renda utilizada por um brincante do grupo dos Congos. Domingo do Rosário (01/10/2017-Pombal-PB). Acervo de Thiago dos Santos Farias.

Fig. 6 - Grupo dos Congos fazendo a guarda do clero local na chegada até o altar antes da missa campal. Domingo do Rosário (01/10/2017-Pombal-PB). Acervo de Thiago dos Santos Farias.

Fig. 7 - Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, provavelmente essa foto foi tirada em algum momento da festa.

Fig. 8 - Primeiro Rei e Rainha do Rosário: arquivo de Verneck

Fig. 9 - Reisado. Arquivo de Verneck Abrantes.

Fig. 10 - Miguel Ferreira (Rei dos Congos) detalhe ao centro de paletó cinza, coroa na cabeça e guarda-sol na mão. Domingo do Rosário (01/10/2017-Pombal-PB). Acervo de Thiago dos Santos Farias.

Fig. 11 - Maracá (Instrumento de percussão dos Congos). Domingo do Rosário (01/10/2017-Pombal-PB). Acervo de Thiago dos Santos Farias.

Fig. 12 - Geraldo Filho, membro dos Congos. Domingo do Rosário (01/10/2017-Pombal-PB). Acervo de Thiago dos Santos Farias.

Fig. 13 - O senhor Miguel Ferreira (Rei dos Congos) e os Congos Mirins (Conguitos). Domingo do Rosário (01/10/2017-Pombal-PB). Acervo de Thiago dos Santos Farias.

Fig. 14 - Seu João Coremas (Rei do Rosário) levam o Rosário até a imagem de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no altar. Domingo do Rosário (01/10/2017-Pombal-PB). Acervo de Thiago dos Santos Farias.

Fig. 15 - Ala azul dos Congos dispostos para apresentação. Domingo do Rosário (01/10/2017-Pombal-PB). Acervo de Thiago dos Santos Farias.

Fig. 16 - Iniciação de meninos no grupo congos mirim, detalhe Miguel rei do congo, com mais ou menos oito anos de idade. Acervo pessoal de Miguel Ferreira da Silva. Foto tirada nas festividades da festa do Rosário.

Fig. 17 - Antiga estação ferroviária da cidade de Pombal. Hoje cedida para sede de encontro e reuniões para o grupo de congos. Fonte: Leandro Rogelio Ferreira da Silva (19/02/2018-Pombal-PB)

Fig. 18 - Interior da velha estação ferroviária de Pombal. Hoje serve de sala para reuniões e acervo do material dos congos. Fonte: Leandro Rogelio Ferreira da Silva (19.02.2018 – Pombal PB).

Fig. 19 - Apresentação do congo, juntamente com o rei da Irmandade do Rosário, para a matéria do jornal O GLOBO. 20/06/2015. Detalhe aos fundos temos o altar mor, estilo barroco, o piso de tijolos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO I: OS CONGOS DE POMBAL: E SUAS RAÍZES	15
1.1 A FESTA DOS NEGROS DO ROSÁRIO EM POMBAL	16
1.2 AS IRMANDADES DOS PRETOS, E SUA DEVOÇÃO SÃO SANTO ROSÁRIO	18
1.3 REGISTROS DA FOLIA DE REIS	21
CAPÍTULO 2. OS INSTRUMENTO RITUAIS, E SUAS TRADIÇÕES NOS CONGOS	28
2.1 SUAS PRÁTICAS E INSTRUMENTOS DE RITUAL	28
2.2 COSTUMES E TRADIÇÕES TORNAM-SE ESTRATÉGIA	31
2.3 PELA FÉ, UMA HERANÇA DE UM POVO AFRICANO	35
CAPÍTULO 3. OS CONGOS: SUAS PERSPECTIVAS SOBRE RESISTÊNCIA E RELIGIOSIDADE.	40
3.1 A RELAÇÃO DOS CONGOS COM A SOCIEDADE POMBALENSE	40
3.2 AS CRIANÇAS, A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA, E AS FORMAS DE ESTRATEGIAS	42
3.3 OS PROBLEMAS E NECESSIDADES DOS CONGOS, EM RELAÇÃO A CULTURA POMBALENSE, E COM A IGREJA CATÓLICA.	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS.	55

INTRODUÇÃO

Figura 01- Congos de Pombal



Fonte - <http://brincantesnaparaiba.blogspot.com.br/2011.07/congos-de-pombal.>¹

É com essa fotografia que começo a minha discussão sobre o grupo Os Congos da cidade de Pombal, Peço que Deus abençoe esse grupo, que Nossa Senhora do Rosário abençoe esses homens de fé e tradição, para que eles sempre levem alegria e louvor na perseverança de dias melhores.

Você, leitor, pode perguntar o porquê desse trabalho de conclusão de curso ser sobre o *congo*: sou filho da cidade, e não poderia deixar de falar sobre a cultura, a fé e a tradição que marcam a história da cidade.

A maior festa popular da nossa cidade, é atribuída a Nossa Senhora do Rosário, uma das festas populares do interior do estado da Paraíba que tem o seu destaque. É estudada e protegida por diversos estudiosos e historiadores na sua manutenção dos aspectos cultural, religioso e o profano.

De acordo com as leituras, estudos e entrevista, percebe que na organização da Festa do Rosário, existem algumas pessoas que se apropriaram desta festividade.

¹ Acesso em fevereiro, 2018.

Antigamente a Irmandade do Rosário organizava a festa em louvor a santa e ficava responsável pelo recolhimento de donativos, mas essa atribuição foi tirada pela própria Igreja Católica e seus representantes. Segundo Jerdivan Nobrega:

O Padre Ernaldo José de Sousa, demonstrando total desconhecimento da história da Irmandade dos Negros Rosário de Pombal, comete o equívoco de criar um “Conselho Administrativo” para tratar dos assuntos da Confraria, mais notadamente dos que envolvem o dinheiro das arrecadações de esmolas, ignorando que a entidade, que tem seu próprio estatuto, e que nele há pormenorizado todas as atividades do Juiz e do Tesoureiro.

É nesse sentido que escolhi o grupo de congos como objeto de estudos para o meu trabalho, a festa do Rosário, que tem uma simbologia de um sentimento do sagrado e do profano, e a ligação com uma cultura africana na vida dos integrantes no espaço e tempo da cidade.

A autora Ana Luiza Martins, no livro “O historiador e suas fontes”, descreve sobre diversos trabalhos acadêmicos que essas práticas culturais afro-descendentes tem ganhado um destaque importante no fazer história, na representação que essas práticas têm ajudado a contar a história do Brasil.

A começar pelo olhar sobre as práticas culturais de afrodescendentes, inseridas no bojo de inúmeros estudos acadêmicos sobre a escravidão. As fontes para essa seleção, praticamente inexistentes em sua materialidade, exigiram a reconstrução do professor mais amplo da presença africana e afrodescendente no país, o que implicou na recuperação de fontes judiciárias, inventários, testamentos, debates do governo, relatos de viajantes, literatura, canções, fontes iconográficas e fontes orais. (2009, p. 299).

No Brasil, muitas estratégias foram encontradas pelos negros pela luta contra a escravidão, umas dessas, a devoção por uma santa branca: A Virgem do Rosário. Eles buscavam espaços na negociação com os seus senhores fazendeiros, uma fuga do cativeiro. Na cidade de Pombal aconteceu da mesma forma.

A Irmandade do Rosário teve um papel importante na construção de laços familiares entre seus integrantes, em suas vivências religiosas, atividades culturais nos termos da doação

da festa do Rosário, e isso fez que ao longo da história da festa que os negros fossem obtendo o respeito às tradições e permissão para fazerem a festa.

Para o historiador Paul Ricoeur, em seu livro “Tempo e narrativa”, as práticas do historiador, sobre a discussão do reconstruir o passado são descritas. Segundo ele, temos a ambição de construir o passado de acordo como ele aconteceu, narrando a história com perfeição, O autor descreve “reconstruções mais aproximadas do que um dia foi real”.

Seria impossível reconstruir o passado como ele foi. Ricoeur ressalta que “o trabalho do historiador consiste, então, em fazer da estrutura narrativa um ‘modelo’, um ‘ícone’ do passado, capaz de representá-lo” (1997, p.175).

Não iremos reconstruir a história do passado, como ele foi, mas sim devemos recorrer às diversas fontes que temos disponíveis, sejam elas quais forem, como por exemplo, os documentos, estatutos, fotografias, músicas, entrevistas, danças e costumes, e é a partir dessas fontes que o historiador constrói a representação do passado.

O historiador, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, ao tratar do significado do trabalho do historiador, aponta uma definição sobre o discurso da história oral:

Mesmo que muitos outros historiadores continuem, ainda hoje, pensando que fazem a análise direta da realidade, do passado, dos eventos – sendo os documentos vistos como meras vias de acesso aos acontecimentos -, estes historiadores continuam não concebendo os documentos, os discursos como sendo eles próprios acontecimentos. (2009, p. 236)

Esse trabalho tem como base um recorte historiográfico do tempo presente e passado, a partir de investigação por meio do estatuto da irmandade, entrevista realizada com o rei do congo, análise de bibliografias relacionadas às questões das diversas manifestações populares existentes no território brasileiro.

Para o autor François Bedarida, estudar o presente dando ênfase nas representações do passado, é:

“Sabemos que a história do tempo presente, mais do que qualquer outra, é por natureza uma história inacabada: uma história em constante movimento, refletindo as comoções que se desenrolam diante de nós e sendo, portanto,

objeto de uma renovação sem fim. Aliás, a história por si mesma não pode terminar”. (2006, p. 227)

A história do tempo presente e história oral contribuem muito para a história e memória dos grupos sociais. Essa contribuição sempre levou as camadas sociais a reconstruir sua própria história, para não ser apagadas na linha do tempo, colocando sempre assim uma elaboração de identidades. Podendo assim reconstruir o passado através dos depoimentos orais, para uma construção do presente.

No primeiro capítulo, pensa-se no grupo *congo* como uma prática de reconhecimento através da Irmandade do Rosário da cidade, contextualizando assim os congos de Pombal aos demais grupos existentes no Brasil, uma ligação direta com a cidade de Olinda, no qual teve suas origens. O conteúdo do capítulo se concentrou na forte ligação com as crenças religiosas, o ceticismo católico do grupo, uma devoção a Nossa Senhora do Rosário e as ligações das famílias que residem na mesma localidade de um bairro periférico da cidade de Pombal nas práticas sociais e estratégicas para a sobrevivência, suas condições humanas do grupo, a participação dos congos na festa de Nossa Senhora do Rosário, durante as apresentações. Assim os *congós* foram estudados no primeiro capítulo como estratégicas do negro nos festejos, compreendendo assim uma manutenção nos aspectos tradição, social e religioso.

No segundo capítulo, a abordagem é para os rituais das tradições dos *congós*, as formas com que os mesmos se apresentam, a simbologia dos elementos da dança, música, e vestimentas, fazendo uma cosmologia das tradições africanas. Percebe-se que o grupo dos *congós* têm uma ligação direta com a cultura africana. Partindo dos costumes e tradições dos *congós*, esses elementos, que são compostos em suas características do grupo de brincantes, são vivenciados em cada apresentação, fazendo uma alusão à algum rei africano, figura mística que se tem o respeito por todos os outros componentes da Irmandade do Rosário.

Na perspectiva dos *congós*, procurei analisar em várias dimensões o significado da música, da dança e dos movimentos que são feitos em suas apresentações, como um elo de ligação com o passado, de acordo com o que foi passado pelos seus familiares. A música e a dança dramática são marcas registradas no grupo, e esses costumes e tradições sobrevivem até os dias de hoje.

O terceiro capítulo traz algumas questões que são pertinentes no enfrentamento de alguns problemas de transformações que ocorrem na festa de Nossa Senhora do Rosário, e como o grupo de *congós* lidam com isso, localizando alguns conflitos entre o saber cultural e

religioso, relações com o poder executivo, questões essas levantadas através de entrevista, onde se percebe na fala do entrevistado a falta de incentivo, tanto financeiro, como educacional, questão que deveria ser colocada na educação do município em um estudo sobre as culturas locais, possibilitando assim uma valorização maior dos grupos que pertencem a Irmandade do Rosário.

Uma das dificuldades em relação à Irmandade do Rosário é com a igreja católica. Devido a grandiosidade da festa, a cada ano crescendo em suas festividades, e a representação em massa de fiéis que a cidade recebia no decorrer da mesma, pode-se perceber que com a mudança do padre com a instalação de um conselho administrativo, a confraria da Irmandade do Rosário perdeu os direitos sobre a organização da festa e arrecadações de donativos. Antigamente, essas eram atribuições da Irmandade do Rosário, mas nos dias atuais, não pertence mais a mesma, nesses âmbitos citados.

Os *congós* é o estudo na perspectiva de compreender a cultura, a tradição, as manifestações do modo que eles perpetuam até os dias de hoje nas celebrações, sejam elas durante os festejos religiosos e, ou, profano. Procuro no final deste trabalho, contribuir para que a história dos *congós* da cidade de Pombal não seja apenas mais uma alegoria.

CAPITULO 1

Os Congos de Pombal: E suas raízes

*Dizei-me/dizei-me
Hoje nesse dia
Vamos ver o Rosário
Vamos ver Maria
(Canto de embaixada dos congos da Paraíba)*

Anualmente, entre o primeiro domingo ou o segundo domingo de outubro, a cidade de Pombal realiza a festa de Nossa Senhora do Rosário. Trata-se de uma série de louvores à santa e apresentações dos grupos que formam a irmandade do Rosário: o Reisado, os pontões e os *congos*. O trabalho, que ora se apresenta, tem como foco principal o grupo de congadas da cidade de Pombal, procurando compreender como a congada emergiu e se mantém hoje como prática de uma manifestação popular da cultura e tradição, ligadas a um sentimento religioso.

Nas práticas de um incentivo de uma permanência de fazer se perpetuar essa cultura, entendemos que esses produtores dessa manifestação se utilizam de diversos instrumentos para manterem essa dinâmica de fazer cultura, através das representações e suas práticas.

Para o autor Roger Chartier no seu livro “A História Cultural” (1990, p.17), ele descreve que essas representações culturais são “em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação”. Em outras palavras, são produzidas aqui verdadeiras “lutas de representações”. Com isso podemos dizer que o autor afirma que essas lutam geram diversas “apropriações” que são estabelecidas nas representações dos interesses sociais, religiosos e políticos.

Com isso, Chartier descreve que a expressão cultural popular se enuncia aberta para se pensar no modelo de lutas e conflitos das representações de classes sociais, apropriações nos quais estamos sujeitos dessa história cultural.

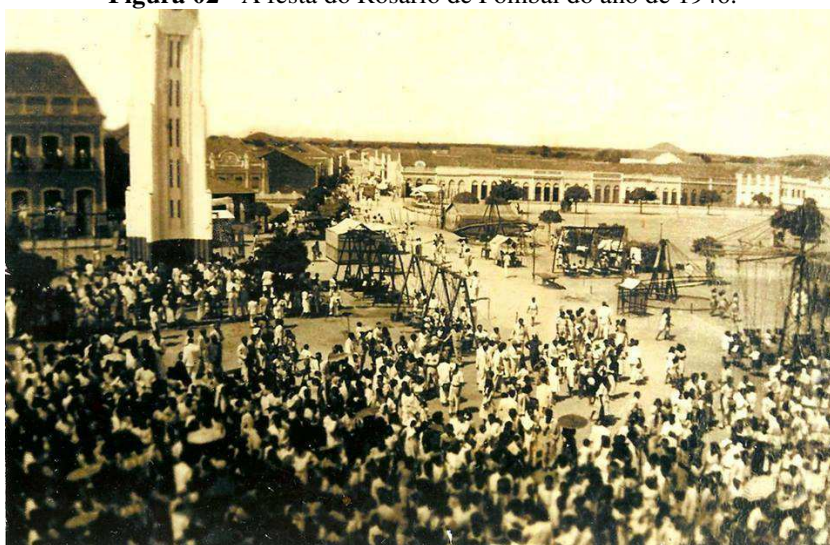
Para Martha Abreu, no seu artigo Cultura Popular “Um Conceito e Várias Histórias”, a autora descreve o conceito de cultura popular sendo um fator de todos que fazem parte de uma comunidade, ou seja, a mesma aponta que é fazer parte de uma coletividade numa visão do mundo, uma leitura do passado, com crenças e valores, símbolos, gestos, músicas, sendo um verdadeiro ritual que constitui sua formação, o conceito cultura popular.

Por outro lado, há um reconhecimento evidente de que estes sujeitos sociais pensam, agem, criam e transformam seu próprio mundo (valores, gostos, crenças), e tudo o que lhes é imposto, em função da herança cultural que receberam e de sua experiência histórica. Como agentes de sua própria história (e cultura), homens e mulheres das camadas pobres criam, partilham, apropriam-se e redefinem os significados de valores, hábitos, atitudes, músicas, danças e festas de qualquer origem nacional, regional ou social. Neste sentido, cultura popular não é apenas entendida como o conjunto de objetos ou práticas que são originárias ou criadas pelos setores populares. (2003, p.12)

1.1 A FESTA DOS NEGROS DO ROSÁRIO EM POMBAL

A festa do Rosário, em Pombal, ocorre sempre na primeira semana de outubro, tendo início com o hasteamento da bandeira do Rosário, no pátio da igreja, seguido de missas e novenas. Os *congos* se apresentam sempre na abertura da festa, durante uma noite de novenário dentro da programação, e ao término da festa, na procissão de encerramento.

Figura 02 - A festa do Rosário de Pombal do ano de 1946.



Fonte: Acervo de Vernck Abrantes de Sousa.

Os *congos*, ou “pretinhos do congo” como eles preferem chamar, ou mesmo “brincantes”, termo também utilizado por eles, são o interesse da nossa pesquisa e se expressam numa forma de brincadeira, através da música, dos louvores com versos, adereços, roupas e sua formação de grupo.

No Brasil, as ciências humanas têm dedicado várias pesquisas ao tema dos congos e congadas, produzindo abordagens variadas sobre esses grupos, explorando as dimensões da fé, da cultura, da manifestação popular e da sobrevivência no mundo contemporâneo.

Um dos principais registros feitos sobre as congadas foi realizado por Mário de Andrade e publicado em sua obra *Danças dramáticas do Brasil* (1982, p. 17), onde traz uma definição desta manifestação popular. Mário descreve uma dança africana e cita que alguns grupos passaram por transformações ao longo do tempo, agregando valores e costumes de acordo com cada região. Ele ainda descreve que os antigos bailados que coroavam os reis negros seriam a matriz das congadas que tiveram origem no Brasil.

Os congos são uma dança-dramática de origem africana, rememorando costumes e fatos da vida tribal. Na sua manifestação mais primitiva e generalizada, não passam dum simples cortejo real, desfilando com danças cantadas. Ainda hoje certos Congadas primários ou muito decadentes, do Centro do Brasil, nada mais são do que isso. É no Nordeste, onde os Congos se desenvolvem muito e adquiriram entredo dramático, os maracatus atuais parecem representar o que foram lá os cortejos dum rei negro, os textos das danças e, em parte mais vaga as coreografias, sempre aludem a práticas religiosas, trabalhos, guerras e festas da coletividade. (...) A origem dos congos é bem africana, derivando o bailando de antigos costumes de celebrar a entronização do rei novo. O coroamento festivo do rei novo é prática universal, é o que a gente pode chamar de “Elementargedanke”, ideia espontânea.

Figura 03 - Reis de Congo, Pombal – PB 11/abril/1938. Fotógrafo: Luís Saia.



Fonte - letras-unip.blospot.com.br/20/11/11curiosidades.html. Missões de pesquisas folclóricas.

Em relação a outros grupos de *congo* existentes no Brasil, as congadas de Pombal têm a especificidade dos louvores a Nossa Senhora do Rosário. O grupo de congos de Pombal tem sua origem olindense, logo, por Pombal, na época pertence a subordinação do poder clerical à cidade de Olinda.

De acordo com Roberto Benjamim em seu livro “Festa do Rosário de Pombal” (1976, p. 63):

Essa hipótese se sustenta no fato da subordinação de Pombal à hierarquia religiosa de Olinda, nos tempos coloniais e à tradição oral de ter o lendário Manoel Cachoeira ido aquela cidade obter do bispo a aprovação do compromisso da Irmandade do Rosário dos pretos de Pombal. Há ainda, em favor da hipótese da origem olindense, a referência de Pereira da Costa, das embaixadas de paz nos autos de congos pernambucanos. Durante as festas realizadas na época do Brasil Império, com homenagens aos santos de devoção dos negros, esses negros que organizavam as festas, tinha aquele momento para executar os seus louvores e danças sempre com a permissão dos senhores fazendeiros.

Thiago dos Santos Farias, em seu trabalho *Mosaicos da Fé: Rememoração e práticas culturais na Congada*, descreve:

No Brasil, as irmandades foram herdadas de Portugal desde o século XVII e eram formadas, sobretudo, por pessoas que não tinham vínculo direto com o clero e que, de um modo geral, não tinham nenhuma ligação presbiteral com a Igreja Católica. Ou seja, as irmandades eram formadas por pessoas consideradas leigas nos assuntos litúrgicos”. (2016, p.30).

1.2 AS IRMANDADES DOS PRETOS, E SUA DEVOÇÃO SÃO SANTO ROSÁRIO

Antes mesmo de uma autorização da própria igreja, os negros escravizados já se organizavam informalmente no culto aos santos de suas devoções, organizando assim as primeiras confrarias, as irmandades do Rosário, pessoas que não tinham o conhecimento de uma leitura litúrgica, a figura do padre não se fazia presente, e essas irmandades eram constituídas exclusivamente por negros.

Jerdivan Nobrega de Araújo no seu livro “A Irmandade dos Negros do Rosário de Pombal”, descreve que no início da sua criação da confraria, a irmandade não teve o apoio pelo pároco da época.

A dificuldade enfrentada por Manoel Antônio Maria Cachoeira para a criação da Irmandade estaria nos vigários de Pombal, entre esses o padre Álvaro Ferreira de Sousa, que discordava da criação da confraria. O preconceito do vigário contra os negros fez com que ele se opusesse também à religião dos negros – a devoção ao rosário, e a organização da festa. (2014, p.28-29).

O grupo de congos de Pombal foi agregado aos festejos tempos depois. Com isso, podemos entender que os congos de Pombal não tiveram, em sua origem, uma ligação direta com a Igreja Católica, no decorrer da história da irmandade do rosário de Pombal. O objetivo dessas irmandades, que eram formadas por pessoas de uma classe mais baixa da sociedade, era uma ajuda mútua aos seus “irmãos de devoção”, ou seja, a grande finalidade era ajudar aqueles que precisavam nas prestações de serviços, sejam eles, nos serviços fúnebres, auxílio para viúvas com filhos, prestações de serviços para com os enfermos na compra de remédios, na compra de cartas de alforrias, tornando-se assim uma exclusividade formada pelo social e a cor de pele.

Os integrantes dos congos são, em sua maioria, moradores das áreas periféricas. Em geral, seus membros moram em uma mesma localidade da cidade, no bairro dos Pereiros, São parentes, vizinhos, amigos e devotos, e não negam suas origens por pertencerem à uma comunidade carente da cidade de Pombal, todos ocupando-se de algumas atividades com pouca visibilidade pela sociedade, trabalhadores braçais ou até mesmo desempregados.

Vale ressaltar que o grupo de congos é exclusivamente composto por homens e há três personagens que se destacam. Sua composição está apresentada da seguinte forma, de acordo com Roberto Benjamin:

O grupo é constituído de 11 elementos, que cantam, tocam e dançam, além de 1 ou 2 músicos que tocam viola. (...) os congos são um grupo exclusivamente masculino onde se destacam 3 personagens: o rei, o secretário e o embaixador. O secretário e o embaixador encabeçam cada qual um cordão ou ala. (1976. p, 63)

Nas apresentações, os integrantes do *congo* se dividem em duas alas de cinco participantes, vestidas de cores diferentes, uma vermelha e a outra azul, usando sempre saias rendadas brancas, os maracas e um grande chapéu em formato de cone.

Os Congos fazem suas exibições durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, festa religiosa que se tornou uma das maiores do alto sertão paraibano, logo, na sexta feira e no sábado, véspera da festa, a cidade de Pombal começa a receber seus filhos da terra, e mais outras pessoas de diversas regiões, de cidades vizinhas e da zona rural.

No sábado, dia de feira livre na cidade, os grupos formados pela irmandade se apresentam nas ruas com o objetivo na arrecadação de donativos.

Para tal concepção sobre esse ritual do sagrado pelos grupos, Jerdivan Nobrega coloca-se:

À tarde, os Pontões, Congos e Reisados dançam sucessivamente na nave da igreja, antes da missa, celebrada em meio a zabumbas, caixas, pífes, violas e maracás. Encerrada a missa, realiza-se a procissão do Rosário, que é conduzido pela rainha, até a casa do rosário, onde se faz vigília até a manhã do domingo. (2014, p. 97).

Essa encenação teatral passa a ter uma forma de interpretação do cotidiano. Essas interpretações têm uma simbologia de um ritual divino.

Para Thiago Farias “os elementos simbólicos que fazem parte dos festejos congadeiros são importantes para a compreensão do significado de pertencimento de grupo e de praticar o rito divino em louvação aos santos católicos”. (2017, p.33)

Pensar na cultura afro-brasileira nos dias de hoje, é pensar quem são esses homens, que na sua grande maioria são descendentes de escravos, residem na periferia da cidade, no bairro dos Pereiros, mas que ao mesmo tempo ocupam o espaço nas apresentações das festividades, ou seja, em uma dinâmica do social, através da cultura popular, onde são notados como agentes produtores dessa cultura local, que sobrevive até os dias de hoje.

Aproprio-me de Isabel Guillen que escreve em seu artigo “Os Maracatus-nação do Recife e a Espetacularização da Cultura Popular”:

A cultura afrodescendente tem sido muitas vezes reificada, apresentada como um repertório inerte de tradições, como se não estivesse enraizada em processos culturais dinâmicos e em ambientes sociais desiguais, e nesse sentido pode-se defini-la como culturalismo”. (2006, p.190)

Ou seja, por muitas vezes essa cultura é apresentada pelos esses movimentos de negros como um espaço de luta política, emergindo assim com outros valores de significados.

1.3 REGISTROS DA FOLIA DE REIS

Os *congós* é uma manifestação cultural ritualizada, com seus significados, para os seus participantes, sendo uma forma de comunicação com a sociedade e o passado, atribuindo assim as suas roupas, e através dos seus adereços que estão ligados aos referenciais imagéticos de uma corte real que permite fazer uma leitura do passado.

Uma manifestação dos costumes africanos em que são coroados negros ao cargo de rei, assim se fazia a tradição de não perder os costumes do passado, Marina de Mello e Sousa (2006) explica essa coroação:

As (...) raízes africanas, evidentes nas danças e ritmos, sendo a festa considerada reminiscências de ritos ligados à exaltação dos reis e chefes tribais. Importantes veículos de cristianização dos africanos e seus descendentes eram vistas, ora como instrumentos de classe senhorial na domesticação dos escravos e negros livres, ora como espaço de resistência cultural destes últimos, sempre a partir de um ponto de vista privilegiava a opressão ou a rebeldia (Souza, 2006, p. 19).

Possibilitando aos integrantes dos congós a experiência de não se verem como escravos, mas como intimamente relacionado à devoção à Nossa Senhora do Rosário e, no sentimento de uma fuga do cativo.

Os congós se dividem em duas alas de cinco participantes cada. Os dois cordões vestem saias rendadas brancas, cujos bordados lembram as alvas que os padres usam entre os paramentos da missa; por baixo vestem uma saia de armar com um aro de arame, e sob esta a “saia de baixo” sobre calças compridas brancas. Calçam sandálias sertanejas rústicas ou sapatos, indiferentemente. Sobre a cabeça portam chapéus afunilados de espelhos, vidrilhos e areia prateada. Os congós do cordão do secretário vestem blusas azuis e os do cordão do embaixador, encarnadas (vermelho). O secretário, sobre a blusa azul, porta uma faixa encarnada, e o embaixador uma faixa azul,

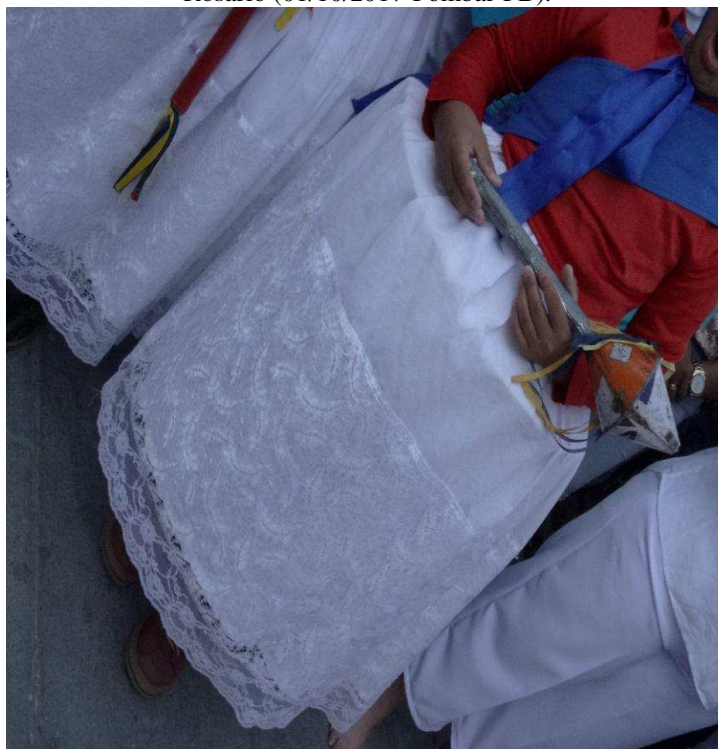
sobre a sua blusa encarnada. O “rei” usa calça branca, camisa branca de colarinho, paletó preto, mas sem a gravata e coroa na cabeça, no braço, o chapéu-de-sol. A coroa dos reis é de papelão dourado, sem nenhum detalhe especial, nem merece considerações de nenhuma espécie. (BENJAMIN 1976, P.77)

Figura 04 - Grupo dos Congos em fila preparados para o cortejo da Procissão do Rosário no Domingo do Rosário (01/10/2017-Pombal-PB)



Fonte - Acervo de Thiago dos Santos Farias.

Figura 05: Detalhe da saia de renda e da maraca utilizadas por um brincante do grupo dos Congos. Domingo do Rosário (01/10/2017-Pombal-PB).



Fonte - Acervo de Thiago dos Santos Farias.

O rei dos congos, tem um papel fundamental no grupo, uma relação de ligação do grupo com toda a sociedade, sendo uma figura de interlocutor do grupo com o poder local, administrativo e religioso, que mostra responsabilidade no grupo com sua importância e respeito por todos, ocorrendo assim uma transmissão de caráter, uma valorização do homem comum na figura de um rei, conhecedor de suas atribuições.

Figura 06 - Grupo dos Congos fazendo a guarda do clero local na chegada até o altar antes da missa campal. Domingo do Rosário (01/10/2017-Pombal-PB).



Fonte - Acervo de Thiago dos Santos Farias.

Fala-se com admiração desses homens negros que desempenham o papel de rei dos Congos.

As afirmativas são unânimes a respeito da dignidade com que tais chefes se comportam, compenetrados da sua autoridade no desenrolar dos autos populares e procuravam estendê-las aos atos da sua vida particular, que decorrem no seio da pequena coletividade de ascendência africana na qual viveram”. (FERNANDES, 1977, P.9).

O seu diretor é o rei do congo Miguel Ferreira da Silva, representante do grupo nas relações públicas. Tem como função, o diretor, manter a comunicação com a Igreja e com outras entidades. Antes de chegar à posição de rei do congo, essa função era exercida por seu

pai. Geralmente todos os membros dos congos são da mesma família, sendo eles primos, pai e filhos.

Essa valorização e a integração dos membros dos Congos, se dá em sua grande maioria, por uma rede familiar, isso porque todos são parentes e moram na mesma localidade, como já foi citado no capítulo, uma cultura que se é passada de pai para filhos, um sentimento que se desenvolve no meio familiar.

Segundo Carlos Rodrigues Brandão descreve, em “Sacerdote de viola: Os rituais do catolicismo em São Paulo e Minas Gerais”, (1991), o trabalho da igreja, durante muito tempo na história do Brasil, foi arrecadações de bens, para si, e não na formação de padres. Existiam poucos padres, e os que tinham viviam longe da vilas, assim gerou um conjunto de fatores sociais, uma grande quantidade de agentes religiosos populares, criando assim os rituais nas irmandades em todo o território brasileiro: “A folia de Reis é um ritual do catolicismo popular que desde muitos anos tornou-se predominantemente rural e se faz em povoados, sítios ou fazendas, sem a necessidade de qualquer tipo de presença de sacerdotes da Igreja.” (Brandão, 1981, p.85)

A *congos* é uma manifestação que tem um princípio de ritual, com seus significados para aqueles que participam, que buscam vivenciar esse ritual na sua devoção.

Os brincantes acreditam, por exemplo, que estão representando aquilo que seus antepassados faziam. Através dessas representações podemos conhecer as suas práticas, tradições e costumes como detectores de uma cultura popular.

Patrícia Trindade Maranhão Costa em seu livro “As Raízes da Congada: A Renovação do presente pelos Filhos do Rosário” (2012) descreve essa fé dos negros por Nossa Senhora do Rosário da seguinte forma:

A preferência da santa pelos negros escravizados os formou no povo de Nossa Senhora, Filhos do Rosário, devolvendo-lhes, assim, a condição humana que a situação do cativo lhes havia negado. É instaurado entre senhores e cativos, ainda que restrito ao momento, uma igualdade de condição. (2012, p. 29-30)

Wilson Seixas, em seu livro O Velho Arraial de Piranhas (2004), relata que essa forma de fé e tradição na devoção dos negros do Rosário em Pombal se dava também por uma luta de classes, no qual o negro escravo tinha dos seus senhores uma “liberdade para tributar”.

A irmandade do Rosário foi instituída, efetivamente, para a coroação anual da referida festa. Era a festa dos “Negros” em cuja data os escravos obtinham dos seus senhores, relativa liberdade para tributar “um culto especial de hiperdulia à ínclita “Senhora do Rosário”. Tornou-se tal festa tradicional e chegou até os nossos dias, embora sem mais aquela pompa e beleza primitivas, que vão perdendo, no curso dos tempos, por falta de zelo e conservação por parte do poder público.

Sobre o que Wilson Seixas fala, é uma relação que a irmandade do Rosário tinha, com o seu passado e o valor que ela ainda tem nos dias de hoje, um passado marcado pelas dificuldades ao longo da história, do negro conseguir a permanência de realizar a festividade, ele também nos coloca um ponto de vista dessa perda da simbologia que se faz presente em sua fala, seja por falta de zelo do poder público ou mesmo pela própria igreja católica com a irmandade do Rosário, questão essa que levantarei no próximo capítulo.

Na obra de João José Reis e Eduardo Silva, “Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista”, eles afirmam que “No Brasil Colônia muitas foram as maneiras encontradas pelos escravos de resistirem à escravidão, ora negociando com seus senhores, ora entrando em conflito com os mesmos, de acordo com a conjuntura política”.

Lutando por espaço, os negros fundaram as irmandades religiosas, buscando criar laços de socialização e solidariedade em uma comunidade fragilizada pelos senhores donos de escravos.

Figura 07 – Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, provavelmente essa foto foi tirada em algum momento da festa



As irmandades tinham uma organização que se fazia presente nas escolhas dos seus reis e rainhas, entre outros cargos, nos festejos anuais, nos dias de santos, e na ajuda do assistencialismo com os mais necessitados das irmandades, e elas exerciam um papel fundamental para o dia-a-dia dos escravos.

John Thornton no seu livro “A África e os africanos: na formação do mundo atlântico 1400-1800”, descreve que as irmandades, que esses negros, participavam e prestavam cultos a Nossa Senhora do Rosário e em sua maioria estavam sempre a mercê da Igreja Católica, que tinha o domínio sobre eles, ou seja, a evangelização desses afro-brasileiros. (2004, p. 276)

As irmandades eram organizadas pelo clero numa tentativa de regularizar a vida social dos escravos e atrair sobretudo as comunidades afro-americanas mais profundas e livres. Elas eram frequentemente organizadas por nações, ou seja, destinavam-se só aos minas, angolas, aladás etc. No Brasil, pelo menos, as primeiras eleições de reis e rainhas da nação do Congo foram realizadas pela Irmandade do Rosário, e os congregados também participaram de outras eleições. Alguns especialistas veem a organização de irmandades separadas por noções como uma tentativa do clero, “dividir e conquistar” a população africana, (Thornton, 2004, p. 276)

Sabe-se que era durante essas festas da irmandade que se era feita a coroação dos reis e rainhas. Na época do Brasil Império, essas práticas e vivências através da devoção à santa tinham uma ligação com o catolicismo, sob a supervisão do Clero. Mesmo assim os negros devotos aproveitavam esse momento para executar suas práticas africanas passadas pela tradição e costumes no espaço que eles ganhavam.

Figura 08 - Primeiro Rei e Rainha do Rosário: arquivo de Verneck



A festa que faz devoção a Nossa Senhora do Rosário na cidade de Pombal, logo no início da criação da Irmandade do Rosário, era realizada pelos próprios negros da comunidade, principalmente os da classe pobres e humildes. São eles que se responsabilizavam pela organização da festa e atributos, nas arrecadações de donativos para a Santa no decorrer da festa. Seria essa uma oportunidade de serem vistos como agentes ativos de respeito, tanto pela comunidade como pelo clero no período da festa, um compromisso registrado em ata pelos próprios irmãos da Irmandade.

Vale destacar os compromissos desta Irmandade do Rosário no qual onde todos os seus membros devessem ter o compromisso com a santa Fé Católica, e toda obediência à igreja, no estatuto da Irmandade do Rosário, capítulo 2. Dos irmãos e requisitos para a sua admissão:

Art. 3º - Só poderam pertencer a comunhão desta irmandade os homens maiores 14 anos e as mulheres de 12 que tiverem todos estes requisitos.

P. 1º Observar o fiel o cumprimento dos mandamentos da lei Deus e da Santa Igreja e a frequência dos Sacramentos ao menos na festa principal da irmandade.

P. 2º Render a máxima obediência ao Ver. Parocho, tornando ativas todas as disposições por este transmitido.

P. 3º Professar a religião Católica Apostólica Romana sem afeição a qualquer seita condenada pela Igreja nomeadamente a maçonaria.

O estatuto da Irmandade, mostra o quanto a Igreja Católica se fazia presente tanto na organização das diretrizes das leis que compõe a irmandade, como nas festividades religiosas da devoção, uma apropriação que falarei no decorrer deste trabalho, com ênfase nos dias de hoje.

Figura 09 – Reisado. Arquivo de Verneck Abrantes.



CAPÍTULO 2

OS INSTRUMENTOS DE RITUAIS, E SUAS TRADIÇÕES NOS CONGOS

Meus pretinhos de Congo

Donde vem nessa hora

D` abarc´ Aruanda e

Vamos pr´Angola

(Canto de embaixada dos Congos de Pombal-PB)

Durante as festividades religiosas, os congos se exprimem de forma notada em sua postura corporal. O corpo encurvado, cabeça baixa, ombros encolhidos, a dança é feita com projeções rápidas nos passos, quase não encaram o público. Sobre a música do violão e os versos a Nossa Senhora do Rosário, eles dançam e cantam para a santa.

Essas relações parecem perpetuar, de um modo, a experiência vivida no passado, o sentimento de fazer história, pelas práticas vividas. Os negros dos congos, portanto, são percebidos pela sociedade pombalense como um grupo distinto no modo específico de devoção à Nossa Senhora do Rosário.

2.1 SUAS PRÁTICAS E INSTRUMENTOS DE RITUAL

As festas dos pretos, como se era chamado antigamente, situam-se no catolicismo popular, no qual foi aonde os congos emergiram e procuram se manter. É nesse sentido que os congos se colocam, um sentimento de religiosidade, diferente em que algumas pessoas acham que os grupos da irmandade do rosário são hoje, um significado “folclórico” ou “alegórico” que vem sendo atribuído aos congos de Pombal.

Trata-se, portanto, de um conjunto de práticas que os congos emergiram, fora do catolicismo popular. Assim, escapa ao controle da igreja. O grupo de congos tem em sua esfera atos de louvores, dança e músicas que permitem aos congos interceder, junto a nossa senhora do rosário, sem a supervisão do padre.

Tiago Farias em seu trabalho faz uma análise da ritualística e da forma como os congos se apresentam através dos elementos simbólicos encontrados na dança, na música e nas suas vestimentas. Todos esses elementos estabelecem um contato com a origem africana do congo, principalmente a música, como afirma a seguir:

As roupas com suas cores nos tons de branco, azul, vermelho, verde e rosa, são significados das cores dos trajes dos reis africanos bem como dos santos católicos e seus mandamentos sagrados. Os instrumentos utilizados nas danças como tambores, tamborins, catracas, maracas, chocalhos e guizos de pés fazem referência a objetos como lanças dos guerreiros africanos, os sons e cânticos que anunciavam a chegada dos reis em visitas aos seus territórios. Tambores e tamborins podem ser observados nas congadas do centro do Brasil, onde os cortejos geralmente têm um número maior de participantes, funcionando assim agudo tem uma profundidade que ecoa pelo chão como quem emite uma mensagem de choro que não existe mais, uma espécie de cortejo fúnebre. Todavia, uma segunda leitura pode ser feita desse instrumento, pois assim como agonia tem sua estridência de profundidade, o batuque também convida a dança e ao louvor na passagem do rei que segue a frente do cortejo. Seu caráter é, portando duplicado para além do próprio instrumento. (2017, p. 37)

Assim, perpetua-se uma raiz africana nos congos, através do significado que lhe é atribuído.

O congo tem a sua origem na cultura africana, sua formação é por personagens dançarinos/atores que são chamados de brincantes, estes acompanhados por um sanfoneiro e um violeiro que os acompanham durante as apresentações, sejam elas durante o período da Festa de Nossa Senhora do Rosário ou em apresentações em determinados eventos.

O atual rei do congo, Miguel Ferreira da Silva, líder e responsável pelo grupo, assim descreve o ritual:

[“quando o rei está no momento da embaixada com o secretário, a gente faz alguma lusão a alguns países da África como “Angola”, como “Guine”, como o próprio congos, meus pretinhos dos congos, então o grupo ele tem assim toda, a gente percebe toda uma grande misticismo, toda uma grande mistura, e é por isso que a gente se considera um grupo de origem afro-brasileira, justamente porque a gente faz toda essa reexportação vamos dizer assim ao dialético africano...”].

As tradições e manifestações culturais afro-brasileiras na cidade de Pombal fazem parte de uma história popular que é compartilhada pelos brincantes do congo, a história do negro demonstrando assim por muitas vezes a continuidade com o passado africano.

Figura 10 - Miguel Ferreira (Rei dos Congos) detalhe ao centro de paletó cinza, coroa na cabeça e guarda-sol na mão. Domingo do Rosário (01/10/2017-Pombal-PB).



Fonte - Acervo de Thiago dos Santos Farias.

A estrutura do grupo de congos, segue uma lógica de acordo com suas funções dentro do grupo. Cada integrante tem sua função, como mencionado no primeiro capítulo: formação com as duas alas vermelha e azul, o rei, o secretário, o embaixador e os tocadores. A figura principal que tem o papel fundamental é o rei.

Para se chegar no papel de rei do congo, o mesmo passou por uma escolha pelos próprios membros que escolheu, por ser uma pessoa influente na comunidade onde vive e uma pessoa de prestígio na sociedade pombalense, por ser o único formado e ter um acesso fácil aos poderes locais.

“ a minha entrada se deu por conta inicialmente, por conta do meu pai e irmãos que já fazia parte do grupo, meu pai Severino Bernardo,...a minha primeira influencia foi justamente por conta dos meus familiares,...entrei com congo mirim na época “Chico Barros” era o secretário era tido uma liderança,...a gente por convite também dele, começou a brincar, a participar, a observar, a ver os ensaios e logo após a gente se tornou congo mirim, nós começamos a participar das apresentações por convite seja nas casas, é depois da procissão do Rosário...meu pai conhecido por “Chico Novo” ele também foi rei do congo, mesmo não sendo diretamente não sendo uma influência do meu tio,...do meu interesse, do meu encanto pelo grupo foi que mais ou menos

a partir dos vinte e poucos anos que eu logo após a morte,... de Chico Barros que ele era uma grande liderança,...logo após a morte dele o grupo,...tive vamos dizer um problema na sua organização e como o pessoal do grupo percebeu que eu tinha, esse tipo de liderança e acima de tudo já vinha participando, via meu interesse, o pessoal viu me eleger, vamos dizer quase uma aclamação como rei do grupo,...então de lá pra cá, fiquei sendo rei do congo e ao mesmo tempo como uma grande responsabilidade que é, era coordenar, era representar, era fazer todo esse trabalho também de estrutura, estruturalmente do grupo, então a gente toma isso como uma missão.

Percebemos nessa fala do Miguel, rei do congo, que o mesmo teve sua iniciação no grupo como congo mirim, e essa aproximação aconteceu através de uma rede familiar, já que seu pai, irmãos e tios, participavam do grupo. Miguel, em seu depoimento, mostra o encanto pela forma de brincar.

2.2 COSTUMES E TRADIÇÕES TORNAM-SE ESTRATÉGIA

O rei desempenha papel fundamental de liderança dentro do grupo, como rei, ele é visto entre os demais que agrega valores éticos e sociais, que são estabelecidos ao mesmo como uma forma de compromisso perante todos que fazem parte do grupo de congos, Miguel assume o cargo de rei, logo após a morte do seu tio. O mesmo, em seu depoimento, relata que foi um pedido pelos demais membros para que ele assumisse o cargo de rei dos congos.

O rei deve ter uma conduta perante os demais membros do grupo, uma postura que é tratar todos iguais, ter diálogos com os outros grupos reisado, pontões, grupos esses que formam a irmandade do Rosário, com o padre e demais poderes públicos da cidade.

Com isso podemos afirmar que os costumes e tradições cultivados pelos *congos* são transmitidos por essa rede familiar, principalmente, por essa prática de representação de uma cultura africana, seja no canto, na dança, na música ou em suas vestimentas.

Alba Wanderley no trabalho “A construção da identidade afro-brasileira da Irmandade do Rosário de Pombal-PB” descreve conceitos básicos da relação da cultura africana para uma formação do homem negro no sentido religioso e social.

Entendemos que, todos os locais onde existia a convivência humana são dos espaços educação popular. Desde que criem situações de ensino aprendizagem, pautadas pelo diálogo e respeito humano. Assim, passamos a vasculhar e a observar dentro da Irmandade do Rosário de Pombal-PB os ambientes em que podemos demonstrar o processo de educação popular. São ambientes da formação cultural e religiosa dos homens negros que vivem situações de construção dentro de um processo educativo. (2005, p. 3)

Atualmente os grupos de congos são identificados pelas cores de suas roupas, pelo ritmo da sua coreografia e suas músicas.

Como já foi citado no primeiro capítulo, o grupo de congo usa vestimenta de cores vermelha e azul, composto por duas alas, homens vestidos com um saiote, chapéus em forma de cone enfeitados com espelhos.

Sabe-se que a irmandade do Rosário, na cidade de Pombal, é composta por esses três grupos que são os Pontões, o Reisado e o Congo. Esses três grupos são identificados pela dança dramática, música, vestimenta e pelos objetos que carregam.

O escritor pombalense Jerdivan Nobrega de Araújo, em seu livro “A Irmandade dos negros do Rosário de Pombal”, descreve a dança dramática do grupo e como foi essa incorporação na Irmandade.

Os congos (congo ou congados) são danças cujo objetivo, assim como o Reisado, é celebrar as festas de natal, de Reis e do Divino espírito Santo, mas que também foi incorporado aos festejos de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito e, por fim, os Negros dos Pontões. Apenas esses últimos, negros dos Pontões, ou dos Espontões, são diretamente ligados à Irmandade dos Negros do Rosário, em todas as ocorrências no Brasil, e formam o único grupo a sair às ruas a partir do nono dia que antecede o domingo do encerramento da festa. (2014, p. 101).

O congo utiliza de maracás para fazer precursão durante os cânticos e a dança em suas apresentações. Esses maracás são decorados com fitas coloridas e sempre estão nas mãos dos participantes das duas alas.

Figura 11 - Maracá (Instrumento de percussão dos Congos). Domingo do Rosário (01/10/2017-Pombal-PB).



Fonte - Acervo de Thiago dos Santos Farias.

Figura 12 - Geraldo Filho, membro dos Congos. Domingo do Rosário (01/10/2017-Pombal-PB).



Fonte - Acervo de Thiago dos Santos Farias.

Podemos destacar a figura do rei, no qual ele representa uma figura central no grupo, em suas responsabilidades no grupo, uma pessoa comum da comunidade, valor esse de um rei que se expande ao homem comum.

Fala-se com admiração desses homens negros que desempenharam o papel de Rei de Congos. As afirmativas são unânimes a respeito da dignidade com que se comportam tais chefes, compenetrados da sua autoridade no desenrolar dos autos populares e procuravam estendê-las aos atos da sua vida particular, que decorrem no seio da pequena coletividade de ascendência africana na qual viveram (FERNANDES, 1977, p.9)

Devemos analisar as roupas e os acessórios como um texto todo, algo que tem significado. O rei veste calça e paletó escuro, segura um guarda-chuva e utiliza uma coroa em sua cabeça, simbolizando um monarca, fazendo assim uma representação de um rei do país do Congo.

Figura 13- O senhor Miguel Ferreira (Rei dos Congos) e os Congos Mirins (Conguitos). Domingo do Rosário (01/10/2017-Pombal-PB).



Fonte - Acervo de Thiago dos Santos Farias.

Podemos observar nas imagens que o figurino tem grande importância. Estando bem uniformizados, o grupo de congos tem esse cuidado com o figurino, para que eles estejam sempre bem cuidados e limpos. Há uma grande preocupação para se apresentarem durante os festejos de Nossa Senhora do Rosário e apresentações em que são convidados.

Miguel descreve em detalhes as vestimentas e adereços que são usados pelos membros do grupo.

O grupo... usa também o chapéu, afunilado com espelhos, com muito brilho no chapéu, e isso faz com que a gente seja um grupo bastante chamativo, devido também a esses espelhos que é colocado no chapéu, que reflete também em parte a alegria, a satisfação as vezes até as tristezas da pessoa,...essa é nossa intenção com esse espelho, para que as pessoas se espelhem, além disso nós temos a questão das saias, saiotos, que fazem parte da nossa vestimenta, a camisa em cetim...tudo isso faz parte da nossa vestimenta.

2. 3 PELA FÉ, UMA HERANÇA DE UM POVO AFRICANO

É nesta perspectiva de sentimento por esses valores que o grupo de congo faz acontecer suas tradições herdadas por seus antepassados, vestígios do homem negro, escravo que tem um refúgio na fé, em Nossa Senhora do Rosário, e essas tradições que são cantadas nos seus cânticos, louvores se misturam com os dialéticos africanos nos seus versos.

Canto de embaixada dos Congos de Pombal-PB:

I

Santaná dá louvor¹

Rosário de Maria

Enche o céu de gloria

e a terra de alegria

II

Dizei-me/dizei-me

Hoje nesse dia

Vamos ver o Rosário

Vamos ver Maria

III

Quibamba virou

mandou me chamar

Eu mandei dizer

que não ia lá

Qu' estava rufando

com' eu maracá

IV

Olha lá olha os pretos...

Qui vem da Bahia...

Dançando tudo com gosto

Qui hoj' é nosso dia

V

Meus pretinhos do Congo²

Donde vem nessa hora

D'embarc' Aruanda e³

Vamos pr' Angola

(repete o II três vezes)

Figura 14 - Seu João Coremas (Rei do Rosário) levam o Rosário até a imagem de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no altar. Domingo do Rosário (01/10/2017-Pombal-PB).



Fonte - Acervo de Thiago dos Santos Farias.

Ao fazermos a leitura da embaixada cantada pelo congo, percebemos que existem pontos/músicas que são entoados pelos seus integrantes. Eles, ao cantarem a música, fazem um resgate de um passado escravista e devoção a Santa Maria.

Roberto Benjamim traz uma colocação sobre alguns trechos da embaixada dos congos de Pombal.

Nos congos canta-se: “*Santaná dá louvor*” em cidade próxima, Santana é o *orago* da igreja, onde está erigida a confraria do Rosário dos Pretos. E na própria igreja do Rosário de Pombal há uma imagem de Santana.

Em outro ponto a versão coletada por João Flanklin de Alencar Nogueira, na cidade de Fortaleza, por volta de 1880, assim se inicia: “*Os pretinhos do Congo, prá onde vão; Nós vamos pro Rosário, festejá Maria. Oh festeja oh festeja, com muita alegria. Nós vamos pro Rosário, festeja Maria. E de xambi a pumba, é de bambê*”.

Percebe-se uma aproximação entre a embaixada dos congos de Pombal, com o que foi coletado na cidade de Fortaleza por João Flanklin de Alencar Nogueira.

Segundo o autor Edmilson Pereira de Almeida, no seu livro “Os tambores estão frios, Herança cultural e sincretismo no ritual de Candombe” ele descreve que

[...] a herança do escravismo, a luta contra a exclusão étnica, a reelaboração de símbolos ancestrais e o diálogo com o catolicismo são, dentre outros, fatos que aproximam afrodescendentes em sua experiência históricas, mas que, também os distanciam, na medida em que eles estabelecem leituras específicas para o mesmo fato”. (PEREIRA 2005, p. 436)

Miguel descreve em sua fala esse respeito às tradições, um sentimento e comprometimento do grupo com essas experiências que são apresentadas através da música e da dança dramática dos congos.

O nosso grupo ele tem, ele pode ser considerado um grupo muito exótico justamente por conta do seu canto, por conta é, da sua dança e por conta do seu..., vamos dizer assim, entrecho dramático...Na nossa dança, no canto porque a parte da “zabelinha” é muito chamativo porque a gente, convida as pessoas para fazerem parte do movimento que a gente está dançando, que já é uma parte final, do nosso cântico, e de nossa dança, e temos também no início da apresentação do grupo, o apoio que faz parte justamente da dança que é o pulo do boi, nós temos o apoio que é um canto mais, vamos dizer assim monótono, mas também faz todo louvou a Nossa Senhora do Rosário.

Nessa fala, percebemos o ato do movimento corporal, da dança que se faz presente durante as apresentações do congo, e a interação do grupo com as pessoas que estão observando, e assim Miguel destaca que os elementos despertam curiosidades nas pessoas e na valorização.

A dança dos congos, é caracterizada por rigorosas manobras complicadas, sobre o ritmo cadente. É marcado pela ginga e cruzamento de pernas e pés. Esses movimentos feitos são rápidos, em direção horizontal, com descolamentos laterais.

Expressões de movimentos ritmados, identificam-se linguagens corporais, os passos são variações dos participantes. O giro do corpo, passos marcados para trás e para frente são os mesmos movimentos para todos.

A tradição que caracteriza aos congos encontra-se na sua forma de apresentação durante o cortejo da abertura, e o encerramento da festa, e essa cultura está na representação desses rituais simbólicos, de identidade e memória coletiva.

Tal conceito sobre as danças dramáticas no faz lembrar do antropólogo Marcel Mauss, onde o mesmo defende que essa corporação traz as marcas de uma cultura da qual o sujeito pertence, porque expõe essa identidade cultural, a qual o sujeito está inserido, expressando assim, sentimentos, atitudes, rituais, situações. Podemos dizer que o corpo expressa e serve como um instrumento da ação da coletividade que esses brincantes estão sujeitos.

O corpo, quando dança, ele traz lembranças, vem na memória da gente, por isso cantigas e nomes são lembrados até hoje". Contudo, identificamos que essa "rememoração" não é algo estático, há uma reconfiguração de memórias corporais que vai gerando outras, o que permite peculiaridades de cada grupo de congo (MAUSS 2003, p.85)

Renan Mendes da Silva descreve essa apresentação:

[...] usavam-se dois motivos melódicos, cantados pelo Rei e tocados pelo violão, como guia, em *ostinato*, marcados na dança pela batida dos pés no acento do segundo compasso do trecho, sempre ao fim de um cruzamento de pernas na coreografia da canção "Zabelinha". Além disso, Miguel mostra que antes de começar a dança "Zabelinha", os iniciantes devem movimentar-se lateralmente (direita e esquerda) em ritmo de duas colcheias dentro de quatro compassos dois por quatro, várias vezes, o que resultaria

temporariamente nos dois motivos melódicos citados acima. (MENDES 2011, p. 33)

Com isso podemos destacar que esse momento de apresentação da dança dramático dos Congos é, nada mais que, uma manifestação de costumes e tradições como formas e sobrevivência que aparecem válidas na dança, sobretudo como uma cultura material e imaterial dos integrantes que pertencem ao grupo.

Figura 15 - Ala azul dos Congos dispostos para apresentação. Domingo do Rosário (01/10/2017-Pombal-PB).



Fonte - Acervo de Thiago dos Santos Farias.

CAPÍTULO 3

Os Congos: suas perceptivas sobre resistência e religiosidade

A perpetuação nas tradições e costumes como forma e estratégias usadas pelo grupo dos Congos da cidade de Pombal, estão ligadas na produção de uma cultura material e imaterial, enraizada desde os descendentes mais antigos até os dias atuais. Essa herança cultural e religiosa, é vivenciada na vida de cada membro do grupo, ou seja, na forma de desenvolvimento de cada um que faz parte do congo.

3.1 A RELAÇÃO DOS CONGOS COM A SOCIEDADE POMBALENSE

Esse sentimento de respeito às tradições é um compromisso por cada membro do grupo dos congos que procuram a valorização e a aceitação da sua forma específica de louvor. Os congos, desenvolvendo-se no catolicismo popular, fora da Igreja, são brincantes os quais estão ligados à igreja de modo informal, sem necessariamente o pagamento por taxas. Mesmo assim tem uma participação nas missas, oficialmente registrada, a exemplo dos demais grupos “Pontões” e “Reisado”, que compõe a Irmandade do Rosário. Isso os torna um grupo cada vez mais respeitado, o que lhes permite apresentar-se em outras localidades e espaços, em escolas, universidades, eventos, manifestações que são autônomas, ou seja, fora de seu local de apresentações, a festa do Rosário, sem romper com o religioso.

Podemos afirmar que o grupo de congos tem suas próprias estratégias políticas que lhe garantem uma aceitação por suas práticas culturais por outras pessoas da sociedade de Pombal. Com isso, podemos dizer que os congos são vistos como uma manifestação popular de uma cultura popular da cidade, elaborando diferentes estratégias de sobrevivência por parte dos brincantes, em relação à história do município que cresceu com base na religiosidade dos primeiros habitantes. Buscam também o reconhecimento e a inclusão social de todos que fazem os congos.

Segundo Miguel Ferreira:

Os congos de Pombal, é um grupo vigorosos, um grupo que mesmo tendo uma história sofrida por parte do seu fundador, mas a gente se considera antes de tudo um brincante, por que a gente faz isso com alegria, não é a toa que nós somos considerados brincantes do brasileiros, por que a gente faz isso mesmo com uma intensão, não de esquecer nosso passado, não é com intensão de apagar nossa memória de sofrimento e luta mas pelo contrário que possamos mostrar também parte das estratégias de todo esse pessoal que tinha dificuldades para se manter e excluídos da sociedade, até porque era na sua grande maioria negros, a gente percebe que todo esse trabalho de canto e dança era estratégia também para poder desenvolver em partes, a nossa luta, nossa política, então foi criada o grupo com essa intensão... desenvolver estratégias para poder se inserir conquistas, o seu espaço justo na própria sociedade, então os congos hoje ainda tem essa intensão a gente percebe isso, que através do congo, nós vamos ser percebido, nós damos visibilidade na cultura que o mesmo depois de cem anos continua viva aqui no sertão, no interior da Paraíba em Pombal.

De acordo com a fala de Miguel podemos perceber que essas práticas se tornaram positivas para o grupo, inclusive na conquista de uma autonomia na comunidade, na Igreja e até mesmo na cidade. Podemos afirmar que o grupo apresenta em sua estrutura uma cultura de origem africana, como já foi dito nos capítulos anteriores. Miguel continua: “Os nossos conflitos, percebemos que muitos ainda não têm o verdadeiro conhecimento da importância do que é a cultura negra, do que os congos, é para uma cidade nossa com mais de 300 anos como Pombal, temos os nossos problemas, a nossa falta de reconhecimento.”

Podemos perceber em sua fala que os problemas colocados são ainda presentes, já que o mesmo declara que não se tem uma valorização das manifestações, e deixa ver claramente que existe uma falta de reconhecimento pelos habitantes da cidade de Pombal. Serve para refletir sobre as tradições dos congos, suas raízes históricas, o papel da representação do negro na cidade, de manter vivas as tradições, as memórias, valores e saberes da Irmandade.

Desse modo, a Festa do Rosário, é a festa oficial dos negros de Pombal, com as raízes de uma identidade cultural e de relações sociais. Essa organização dos negros para continuar essa tradição, que se iniciou com os seus antepassados como forma de estratégia, é fundamental, nos dias de hoje, à organização dos grupos da Irmandade, para que a sociedade pense a condição de uma identidade negra, na cidade de Pombal.

3.2 AS CRIANÇAS, A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA, E AS FORMAS DE ESTRATEGIAS NA PERMANENCIA DO GRUPO DE CONGOS.

Figura 16 - Iniciação de meninos no grupo Congos Mirim. No detalhe, Miguel, rei do Congo, com mais ou menos oito anos de idade. Foto tirada nas festividades da festa do Rosário.



Fonte - Acervo pessoal de Miguel Ferreira da Silva.

Na fotografia podemos observar três crianças com as vestimentas do congo mirim, imagem capturada durante os festejos da festa de Nossa Senhora do Rosário. A criança do meio é Miguel, atual rei do congo.

Sua entrada no grupo se deu quando criança, por volta dos oito anos de idade, seguindo os passos de seus familiares que eram componentes do grupo.

Na fala de Miguel podemos perceber como é essa aprendizagem:

Temos uma esperança por que percebemos que uma boa parte, eu digo menino, criança com relação ao congo justamente porque temos uma visão,

visibilidade mais dentro da cidade. Temos um grupo de doze à quinze crianças e a cada apresentação que o congo faz, principalmente na escola, as pessoas se oferecendo para colocar o filho, meninos que falam que esse é o sonho dele ser congo mirim. Temos essa esperança, justamente por uma parte da sociedade de pessoas que nos vê de uma forma diferente, justamente porque a gente tem uma presença mais marcante aqui na cidade, pela gente ser mais um pouco organizado do que os outros grupos, nós os congos têm uma boa parte alfabetizada. Se apresentado aqui em Pombal e em outras cidades faz com que as outras pessoas também têm um interesse mais, principalmente as crianças quando a gente se apresenta por conta da roupa, do maracá, da sanfona, do violão, dos passos (dança) então isso faz com que a criança, principalmente o menino se veja participando.

Com isso, segundo Miguel, essas apresentações, quando são feitas ao público infantil em escolas da cidade, há um destaque para as crianças, principalmente os meninos, já que o grupo é formado apenas pelo sexo masculino. Quando os pais ou responsáveis dessas crianças procuram o grupo para que as elas façam parte de uma formação de congos mirins, Miguel fica otimista em relação ao futuro dos congos.

É importante analisar a inserção das crianças no grupo como estratégia de formação cultural e política, fazer parte de uma comunidade, ser parte do grupo dos congos, fazer com que a criança perceba o sentido e interpretação a respeito do lugar, e das tradições.

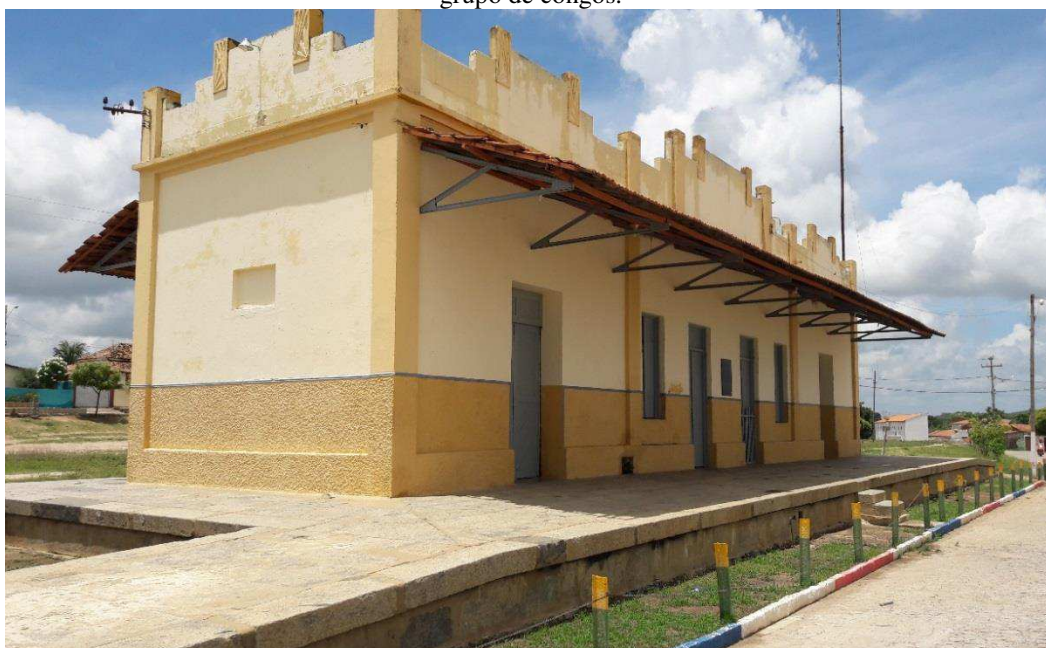
Segundo depoimento de Miguel, para as crianças, os congos têm suas estratégias, especialmente pela sua história de luta e coragem, e isso faz com que as crianças se sintam atraídas para ingressar como novos atores sociais nos congos.

A criança que está no processo mental menor de informação faz com que a gente, possa atrair de uma forma melhor, principalmente a criança negra, essas tem nos procurados, são morenos, negros, a gente faz uma alusão, à história da questão afro-brasileira, isso há um encanto neles, por que eles percebem que há ali, uma certa coragem de luta, de orgulho da gente está comentando falando, é diferente dos outros grupos que se intimida, mais justamente pela questão da discriminação, pelo preconceito de ter menos instrução, faz com que eles se retrai mais, com a gente, os congos, temos essa coragem maior de chegar e falar abertamente, sem qualquer tipo de medo faz com que a gente tenha um encanto maior e faz com que a criança se aproxime.

Atualmente os congos da cidade de Pombal não têm uma sede própria para suas reuniões, nem para abrigar o acervo de material para pesquisa, ou os instrumentos e vestimentas. Hoje o grupo se encontra no prédio da antiga estação ferroviária. Segundo Miguel, o prédio foi cedido pelo Governo Federal.

A Estação Ferroviária está localizada no bairro dos Pereiros, tratando-se de uma importante construção para o bairro, principalmente para os moradores, e para o grupo dos congos. Na maioria das vezes, o local proporcionou momentos de encontro para o grupo. A estação ferroviária, para Miguel, tem os seus valores culturais, associados à história dos moradores do bairro.

Figura 17 - Antiga estação ferroviária da cidade de Pombal. Hoje cedida para sede de encontro e reuniões para o grupo de congos.



Fonte - Leandro Rogelio Ferreira da Silva (19/02/2018- Pombal-PB)

Sobre essa questão do espaço cedido ao Congo, Miguel declara que:

A gente tem buscado permanecer no espaço, da estação ferroviária, já que faz uns vinte anos, nossa intenção é fazer com que a estação ferroviária seja uma estação do patrimônio, nossa conversa com o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) fazer com que aqui na realidade seja um ponto de cultura, seja um espaço para se reunir, grande desafio para o ano de 2018. Corre o risco de perdermos o prédio da estação, porque alguém vê isso daqui como uma oportunidade para fazer um bar, um restaurante, uma pousada, e a gente vê como um prédio que tem toda uma história, vamos continuar aqui no espaço, para ter essa visão artística, essa visão cultural e permanecer aqui como ponto de referência.

Vale ressaltar a importância que o prédio tem para a cidade de Pombal. Toda uma história de encontros e desencontros, pois se antigamente a estação ferroviária era utilizada

para embarque e desembarque de passageiros para outras localidades, hoje o prédio possui um valor cultural e de memória. Os poderes públicos, juntamente com a sociedade civil organizada, poderiam ver ali um espaço para a cultural local, na preservação do prédio.

Figura 18 - Interior da velha estação ferroviária de Pombal. Hoje serve de sala para reuniões e acervo do material dos congos.



Fonte - Leandro Rogelio Ferreira da Silva (19.02.2018 – Pombal PB).

3.3 OS PROBLEMAS E NECESSIDADES DOS CONGOS, EM RELAÇÃO A CULTURA POMBALENSE, E COM A IGREJA CATÓLICA.

Podemos explorar esse universo dos congos, por suas práticas e representações, aliás, esse reconhecimento de cultura no processo de comunicação. Nesse sentido, a história é construída pelo homem, que interage com a vida cotidiana, e é através desta dinâmica que surge uma identidade cultural, expressada de diversas maneiras, seja nas tradições, nas festas de reis, comportamento, cantos e danças.

A maneira de manter viva essa identidade se dá a partir da preservação das práticas culturais, de modo que preservar essas práticas é o registro dessas manifestações culturais no tempo e espaço, assim o termo patrimônio tem um significado de preservação das raízes de uma cultura de determinada sociedade.

Na Constituição Federal Brasileira, de acordo com o Art, 216, o termo de patrimônio cultural brasileiro significa o conjunto de bens de natureza material e imaterial, referente à ação, à memória dos grupos formados pela sociedade, e está descrito da seguinte forma:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais.

O patrimônio imaterial representado pelos os congos, é transmitido de geração em geração, recriado pelos seus membros em função dos seus modos de representação, pela dança, cânticos e louvores, uma interação com a história, nutrindo um sentimento de continuidade de suas práticas. Assim, podemos dizer que o grupo de congos promove a diversidade cultural da cidade de Pombal nos aspectos religioso e cultural.

Apoiados no sentido de patrimônio imaterial, podemos dizer que a devoção a Nossa Senhora do Rosário, tornou-se assim um símbolo da fé católica pelos escravos que, durante os festejos no mês de outubro, buscavam reviver sua cultura, suas crenças, sua dança, em suas apresentações em público, simbolizando a resistência da comunidade negra na sociedade pombalense.

Infelizmente, não há políticas públicas ou preservação do patrimônio imaterial. Para Miguel, é preciso apoio da comunidade pombalense, principalmente do poder público, para manter viva essa tradição. Não há apoio financeiro para a manutenção de instrumentos e vestimentas. Essa precariedade provoca desânimo no grupo.

Para Miguel, em suas palavras, esse investimento seria: “O próprio poder público entender que é importante... A nossa luta, resistindo para poder conscientizar e fazer com que os poderes possam ver com bons olhos... sempre dá um apoio e buscar fortalecer a cultura.”

O reconhecimento dos congos de Pombal, como símbolo da resistência negra, foi o que levou o escritor Mário de Andrade, em 1938, a enviar uma equipe para o Nordeste e

Norte do Brasil, com o objetivo de registrar e catalogar essas raízes da cultura popular brasileira, no ano de 2015. o Jornal O Globo refez aos passos dessa catalogação:

Em 1938, o escritor Mário de Andrade, homenageado da Flip 2015, enviou uma equipe ao Nordeste e ao Norte para registrar cantos, danças e rituais que considerava ameaçados de extinção. Quase 80 anos depois, uma viagem por cidades de Pernambuco (Recife, Arcoverde e Tacaratu) e Paraíba (João Pessoa e Pombal) na rota daquela pesquisa mostra a resistência e a transformação das culturas populares no Brasil. Elas ainda convivem com ameaças identificadas por Mário em seu tempo, como o preconceito, as intervenções do poder público e a perseguição contra religiões de origem indígena e africana. Mas sobrevivem e se reinventam graças ao trabalho de artistas, ativistas e pesquisadores. (matéria do jornal O Globo. 20/06/2015).

A reportagem do jornal O Globo, após oitenta anos, refez os passos do percurso da missão Mario de Andrade com o objetivo de catalogar os cantos, danças e rituais, encontrados no sertão da Paraíba.

A cerimônia dos Congos registrada em 1938 ainda acontece, praticamente da mesma forma, todo mês de outubro, na Festa do Rosário, que atrai centenas de visitantes a Pombal. O ritual é realizado pela Irmandade do Rosário, tradicional confraria negra que existe em várias partes do país pelo menos desde o século XVII, quando funcionava como congregação religiosa e associação de auxílio mútuo entre escravos. Seus integrantes eram adeptos do culto católico a Nossa Senhora do Rosário, levado à África por missionários portugueses. No Brasil, mesmo em tempos de escravidão, as Irmandades do Rosário de cada local costumavam promover cerimônias para coroar reis negros, que muitas vezes tinham papel político real nas comunidades de escravos. (matéria do jornal O Globo. 20/06/2015.)

Podemos perceber na matéria, a preocupação de Mario de Andrade em relação a esses rituais, e o medo de que essa tradição desapareça ao longo do tempo. A Irmandade do Rosário, criada a partir de costumes e tradições de um sincretismo religioso afro-brasileiro, aparece como um marco na história religiosa de Pombal. Apesar dos temores, esses homens permanecem oficializando sua crença em Nossa Senhora do Rosário.

Figura 19 - Apresentação do congo, juntamente com o rei da Irmandade do Rosário, para a matéria do jornal O GLOBO. 20/06/2015. Detalhe aos fundos temos o altar mor, estilo barroco, o piso de tijolos.



Miguel destaca a relação do Congo com a Igreja da seguinte forma:

Com relação a Igreja Católica, vamos dizer assim de luta e paz, porque há sempre aqueles padres que não são filhos da terra e as vezes não compreende bem a história, não se sensibiliza, divido alguns padres não ter aquela, não ter incorporado a sensibilidade do contexto que a gente está envolvido, acaba dificultando, por que não compreende a importância da gente ter espaço, da gente tá mais envolvido com a igreja, por que as vezes eles vem de uma outra paróquia que não é de Nossa Senhora do Rosário,...toda vez que muda um padre, a compreensão da Igreja no sentido de fortalecer, de nós ajudar a fazer com que os grupos cada vez mais seja visto como peças importantes principalmente no período da festa do Rosário. Então a gente tem em alguns momentos esse confronto da falta de compreensão de um padre ou outro.

Podemos perceber na fala do Miguel que os grupos da Irmandade têm uma relação conturbada com a Igreja Católica nos dias atuais. Como já citado por Jerdivan Nóbrega, no capítulo anterior, logo após o novo pároco assumir o cargo de padre da Paróquia, à qual a Irmandade se subordina, criou-se o conselho administrativo que ficou responsável pelas despesas e prestações de contas da Igreja do Rosário. Por conseguinte, a Irmandade foi aos poucos, sendo excluída de sua organização. Com isso a Irmandade do Rosário e os demais grupos que compõe essa confraria, passam a ter um papel alegórico durante as festividades, como afirma Jerdivan Nobrega. “A Irmandade dos Negros do Rosário de Pombal, a longo dos últimos anos foi excluída da organização da ‘Festa do Rosário’, passando a ter apenas um

papel secundário ou, direi, alegórico e arrecadador de doações para a Paróquia.” (2014, p. 110)

É interessante notar que, nos dias de hoje, alguns intelectuais da cidade de Pombal, juntamente com representantes dos Congos, Reisado, Pontões, buscam priorizar aquilo que os pertencia por direito. No passado, a confraria dos Negros da Irmandade do Rosário era responsável pela organização das festividades, e pela utilização do espaço da igreja durante as novenas. A figura do pároco era de suma importância para todos que faziam a confraria naquela época, onde havia respeito entre ambas as partes. O pároco se fazia presente nas reuniões da confraria, aparecendo como colaborador da festa, mas nunca foi registrado em ata que o pároco fizesse intervenções em assuntos ligados à confraria. “Nas atas visitadas, registramos as presenças de alguns párocos da cidade nas seções, sempre na qualidade de colaborador. Porém, em nenhum momento há registro da interferência desses na gestão da Irmandade. (2014, p. 62).

Essa relação da Irmandade do Rosário com os representantes da Igreja Católica local se transformou ao longo da história. Os atuais membros da confraria lembram que os seus antepassados foram responsáveis pela construção de uma manifestação cultural na cidade de Pombal, que abrilhantou os dias de festa. Hoje, esses membros da Irmandade do Rosário encontram barreiras para celebrar a sua devoção como antigamente, durante as apresentações do domingo do Rosário, na abertura da festa, na procissão, não sendo permitido que os Congos e os demais grupos usem o espaço e tempo para as suas apresentações.

Com a chegada do novo pároco à Paróquia na qual a irmandade do Rosário está subordinada, ocorreram mudanças impostas por ele. Uma delas foi a criação do atual conselho administrativo, no qual um grupo de pessoas escolhidas pelo pároco, determinou que a Irmandade não seria mais responsável pela organização da festa. A ação do Pároco representa um ataque frontal da igreja à Irmandade do Rosário e a cultura afro-brasileira.

O rei dos congos Miguel acredita que a Igreja do Rosário é um lugar sagrado, que conta a história de luta e sobrevivência do negro na cidade, e que faz parte da história, tendo sido construída pelos homens negros, movidos pela devoção.

Vale ressaltar o posicionamento do rei do congo Miguel sobre a questão de conflito com o poder eclesiástico:

Esse confronto da falta de compreensão às vezes de um padre ou outro, que não é a igreja em si, por que a própria comunidade percebe que entende os grupos são importantes para a continuidade da festa do Rosário, agora quando você pega um padre que não tem sensibilidade cultural, isso dificulta muito, faz com que a gente de vez enquanto tenha esses conflitos. Alguns conflitos com a igreja na luta pelo espaço e tudo mais.

Na leitura de Miguel quando um padre é designado para assumir a Paróquia, e não conhece a história da Irmandade, e não tem sensibilidade cultural, isso se torna conflituoso para ambas as partes, e é importante destacar que antigamente essas irmandades religiosas tinham uma importância na vida social, já que as pessoas se organizavam para rezar suas novenas, além de organizar a festa do Rosário.

Podemos observar que as práticas a respeito das Irmandades existentes no Brasil, foram designadas pela Igreja Católica como “Catolicismo Popular”, ficando evidente as influências da Igreja sobre essas manifestações populares.

Segundo o autor Carlos Rodrigues Brandão, em seu livro “Sacerdotes de viola: os rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais” (1985), essas manifestações populares só sobreviviam na sociedade, sob a obediência do poder eclesiástico.

O abrigo de uma área de refúgio camponês onde fosse difícil a ação repressora direta e a consequente obediência forçada as autoridades da Igreja; o interesse de setores eclesiásticos em preservar ritos populares que contribuíram para a preservação do rebanho de fiéis, ou para o aumento da afluência de romeiros a centros de peregrinação cuja frequência rendesse para Igreja dividendos visíveis em bens e poder; o interesse de fiéis das classes dominantes em preservar grandes festejos religiosos, para usos sociais e políticos diversos dos cultos coletivos; a possibilidade de reprodução do ritual popular, através de seu ocultamento das autoridades da Igreja, mesmo nas cidades; a presença de um clero por diversas razões mais tolerantes, para com a ‘piedade popular’. (BRANDÃO, 1985, p.148)

Essas transformações na organização continuam até os dias de hoje, e é importante ressaltar que a Igreja atual se apropriou da festa dos negros do Rosário da cidade, e com isso a cultura popular passa a ser um trabalho legítimo da Igreja, caracterizando, possivelmente no fim da cultura, da fé e da identidade religiosa dos negros da Irmandade.

Para a Irmandade do Rosário e para aqueles que fazem parte desta confraria é uma luta constante, principalmente para o grupo dos Congos, que sempre demonstrou conhecimento

sobre papel do negro na sociedade, na cultura afrodescendente, da história dos seus fundadores, para manter essa tradição viva no interior do sertão.

A cidade precisa criar um acervo público para catalogar todo material e imaterial dos grupos que fazem a Irmandade do Rosário, os congos, o reisado e os pontões, dando foco à música, dança, para que possam ser vistos não só no período da festa.

Sobre a confraria da Irmandade do Rosário, ela deve retomar as atividades em relação a organização da festa do Rosário, como antigamente, fazer valer os seus valores, de acordo com o seu Estatuto “Compromisso da Irmandade do Rosário de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Pombal Província da Paraíba, Lei n.º. 858 de 10 de novembro de 1888, que faz uso as suas atribuições:

Art. 17. Na primeira sessão de 1º de Janeiro se liquidará todas as contas dos empregados, irmãos e thesoreiros e não o sendo possível, na domingo que seguir-se, na 1ª sessão d domingo da Ressurreição, se procederá a eleição annual dos empregados, na 3ª sessão da 2ª domingo de Agosto se tratará sobre o festejo da Senhora do Rosário, conforme a possibilidade e fundos do cofre, promovendo subscrições, e na 4ª sessão da 1ª domingo de Outubro, a celebrará a festa e fará procissão de accordo com os andamentos diocesanos”. (Lei n.º 858 de 10 de novembro de 1888)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do grupo dos *congos* realizado neste trabalho, reunidos nos capítulos que o caro leitor apreendeu, abordando toda uma história de preservação cultural material e imaterial sobre seus conflitos e conquistas, espera que tenha sido de ajuda para o mesmo, para entender melhor essa manifestação popular brasileira que se faz presente no sertão da Paraíba, especificamente na cidade de Pombal.

Essa construção tratou ser uma abordagem de estudo do grupo dos congos, sabendo que a Irmandade do Rosário é constituída pelos três grupos e são eles, o *congo*, o Reisado e os pontões. A escolha pelo grupo dos congos, como fonte de estudo, foi feita, visto que foi na pessoa do seu Rei Miguel Ferreira da Silva, um brincante atuante na luta pela preservação de nossa cultura, assim destacado.

Dessa maneira, seguiu-se essa construção do saber, da aprendizagem, e dessa simbologia que os congos tem na cidade de Pombal, PB, na visão de historiadores e autores locais da terra para a construção desse trabalho de conclusão de curso.

O grupo auxiliou nessa investigação sobre os aspectos da Irmandade do Rosário, sua crença em uma santa de cor branca, na qual homens negros fazem louvores a ela. Uma fé e devoção que ao mesmo tempo nos leva ao caminho de condições socioculturais desses atores nos festejos do mês de outubro, mês esse dedicado à Nossa Senhora do Rosário.

O foco principal dessa pesquisa não foi reconstruir o passado do congo, nas suas apresentações durante os festejos, ou a irmandade e suas tradições, explorando a importância do negro na Irmandade, nem a ideia de uma cultura afrodescendentes, presença marcante nos rituais do catolicismo, como uma fuga do cativo, ou até mesmo da forma de resistência que o negro encontra na devoção a Nossa Senhora do Rosário, contra os mandantes dos senhores dos de escravos, mas sim demonstrar, ao longo dessa pesquisa, as transformações que o grupo dos congos passou, no decorrer do tempo e espaço em suas apresentações e na sociedade pombalense, seus conflitos, com avanços e recuos. Momentos esses demonstrados na pesquisa, no início dos festejos, era mais marcante a sua participação durante as noites de novenas da festa.

Atento sempre para as questões da organização da festa, quando a Irmandade do Rosário faz uso das suas atribuições legalizadas com o seu próprio estatuto, os mesmo passam

a ter a legitimidade perante a Igreja Católica e sociedade, com isso a representação de homens negros é considerada de grande valia no período em que a festa tem sua origem na cidade de Pombal, a confraria passa a ter respeito dos padres locais daquela época que regia as atribuições do eclesiástico, e não havia uma intervenção dos mesmo na Irmandade do Rosário, isso registrado nas atas de reuniões.

Essa relação com os representantes eclesiásticos é de suma importância para o grupo dos congos, e evidencia que eles consideram importante, o passado de memórias, no qual os mesmos são considerados como brincantes que louvam à Nossa Senhora do Rosário, realizando assim uma festa harmoniosa para ambas as partes.

Os congos com suas tradições e leitura do resgate do passado, através das suas embaixadas e dança dramática, contam a sua história, usando essas apresentações para lerem o seu passado africano, como devotos da santa branca, e de sofrimento pelo seu povo que sofre nos maus tratos dos senhores.

O papel do historiador não é essa função de recuperar, segundo o autor Marc Bloch em seu livro “Apologia da História ou o ofício de Historiador” (1944): “O historiador, ocupado em compreender e fazer compreender, terá como primeiro dever recolocar em seu meio, banhados pela atmosfera mental de seu tempo, face a problemas de consciência que já não são exatamente os nossos.”

O passado nunca será recuperado da maneira como a festa acontecia no passado, por exemplo, no entanto, o mesmo aponta significados, como esses costumes e tradições estão relacionados aos que participavam da organização e apresentações, porque vimos que para o grupo de congo, expressa um desejo de manifestação popular.

Portanto seria uma renegociação com os poderes locais, com a sociedade, e até mesmo com a própria Igreja para que a Irmandade do Rosário tenha uma voz ativa nessa organização, um compromisso que lhes foram tirados.

Através de revisão bibliográfica de pesquisadores pombalenses, percebemos que a vida dessas pessoas que fazem parte da Irmandade, são compreendidas como manifestação popular.

A memória dos congos não se restringe apenas a manifestação religioso, mas sim aos poderes locais e a sociedade civil, um patrimônio imaterial, mas têm significados na história de Pombal.

Sabemos que o grupo dos congos não tem uma ajuda de custo financeiro para que os mesmos possam se manter na preservação das suas vestimentas e instrumentos musicais, e muitas das vezes a única ajuda que eles recebem é uma vez ao ano. Essa ajuda se tem quando se aproxima o período da festa, aonde o poder executivo faz uma doação para que o grupo faça uso, para suas necessidades.

Podemos levar aqui diversos pontos para trabalhos futuros em relação ao grupo dos congos e sua dinâmica na festa do Rosário. A sociedade, poderes locais, escolas públicas, precisam construir um acervo para guardar essas memórias, que hoje são bens para o patrimônio cultural da cidade de Pombal, buscando uma valorização de sua cultura pelos grupos, apresentando propostas pedagógicas nas escolas da cultura local, mostrando a importância que esses grupos têm para a cidade.

Independente desses conflitos mostrados neste trabalho, os congos e demais grupos que fazem parte da Irmandade do Rosário, a população de Pombal e cidades vizinhas, se unem durante as noites para louvarem e agradecerem à Nossa Senhora do Rosário. É esse sentimento que faz com que passados anos da festa, superando as dificuldades, os congos permanecem e continuam encontrando o significado de devoção nas manifestações para uma luta constante, seguindo assim a ideia que eles são os verdadeiros representantes da cultura da cidade de Pombal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Jerdivan Nóbrega de. *A irmandade dos Negros do Rosário de Pombal*, João Pessoa: Editora Imprell, 2014.

BÉDARIDA, François. *Tempo presente e presença da história*. IN: AMADO, Janína & Ferreira, Marieta Moraes (orgs). *Usos e abusos da história oral*. 8. Ed, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BENJAMIN, Roberto Ermeson Câmara. *Festa do Rosário de Pombal*. João Pessoa: Universitária, 1976.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin, *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

Compromisso da Irmandade do Rosário de nossa senhora do Rosário da cidade de Pombal Província da Paraíba lei Nº 858 de 10 de novembro de 1888.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. *As raízes da Congada: a renovação do presente pelos filhos do rosário*. Curitiba: Editora Appris, 2012.

DA SILVA, Renan Mendes. *O ensino e aprendizagem musical dos congos de Pombal – Monografia (Curso de Licenciatura Plena em Música) Universidade Federal da Paraíba*. João Pessoa, 2011.

FARIAS, Thiago dos Santos. *Mosaicos da Fé: Rememoração e Práticas Culturais na Congada – Monografia (Curso superior de Licenciatura Plena em História) Universidade Federal de Campina Grande*. Cajazeiras: 2016.

FRAITAS, Guilherme. Missão Mário de Andrade: uma viagem pela cultura popular inspirada nas pesquisas do escritor Roteiro por Pernambuco e Paraíba busca danças, cantos e rituais registrados em 1938 por equipe enviada pelo autor; *Jornal O GLOBO*, Rio de Janeiro, Edição, 20 de junho de 2015.

FERNANDES, José Lourenço. *Congadas Paranaense*. Caderno de Folclore – FUNART, 1977.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva, DP&A Editora, 2011.

JÚNIOR, Durval de Albuquerque. et al. *O historiador e suas fontes*. São Paulo – SP. Editora Contexto, 2009.

MARTINS, Ana Luiza. et al. *O historiador e suas fontes*. São Paulo – SP. Editora Contexto, 2009.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Os tambores estão frios. Herança cultural e sincretismo no ritual de Candombe*, Juiz de Fora, Funalfa Edições: Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.

REIS, João José e Silva, Eduardo, *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*, São Paulo, Campanha das Letras, 1989.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas, Editora Papirus, 1997.

SEIXAS, Wilson Nóbrega. *O velho arraial de Piranhas (Pombal) no centenário de sua elevação a Cidade*. Ed. Grafset, Joao Pessoa, 2004.

THORNTOM, John Kelly. *A África na formação do mundo atlântico: 1400 – 1800 – Rio de Janeiro*: Else vie, 2004.

WANDERLEY, Alba Cleide Calado. *Reflexos freirianos na construção da identidade afro-brasileira da irmandade do rosário de Pombal – PB*. In: V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22-setembro de 2005.

ANEXO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) Luandro Rogelio Ferreira da Silva, portador (a) do RG 3071566 e CPF 080739.442-37, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada, primariamente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **Universidade Federal de Campina Grande – UFCG**, sem limite no tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 23/01/2018, pelo aluno (a) de forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact disc" interativo), "home vídeo", DAT ("digital áudio tape"), DVD ("digital vídeo disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua dimensão via internet, independentemente do processo do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da **UFCG**, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série de que trata o presente, o aluno (a) e a **UFCG** poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela utilizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Cajazeiras, PB, 22 de Março, 2018.

Assinatura: Miguel Ferreira da Silva

Nome: MIGUEL FERREIRA DA SILVA